

PRA VOCÊ

Exposição

Está aberta para visitação a exposição Agbara Orixás, do artista Sidney Rocha, que reúne indumentária de 15 orixás - Exu, Iemanjá, Xangô, Oyá, Oxum, Obá, Ogum, Oxóssi, Obaluaê, Nanã, Oxumarê, Ossaim, Logum Edé, Ewa e Oxalá, promovendo um encontro com as culturas africanas, explorando cores, formas, detalhes e atributos. A mostra pode ser conferida no Espaço Z, no Centro de Resende, até 13 de maio, de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h.

Feira Sertaneja

No próximo dia 21, tem mais uma edição da Feira Sertaneja, no Parque de Exposições de Resende. O evento terá shows de forró, venda de materiais artesanais, produtos da roça e comidas típicas, além de muita diversão para as crianças. A abertura acontece com uma missa que será celebrada pelo padre João Marcos, a partir das 9 horas, e vai até às 18 horas. Entrada franca.

Música

O cantor Victor Yuri e o grupo Som da Gente se apresentam no dia 19, na boate Pulse, em Volta Redonda a partir das 23h30.

A banda 8 Segundos se apresenta no Celeiro Porto Real no dia 19, às 22h.

A banda Barão Vermelho se apresenta no Clube dos Funcionários, em Volta Redonda, no dia 19, a partir das 23h.

A dupla SANTANA E MALDONADO e o grupo COMPRA-

ZER se apresentam na boate Cana Café, em Volta Redonda, no dia 19, às 23h.

As atrações Clube Do Samba, Jahpassô e o Centro de Dança de Resende (Hip-Hop), junto com os DJs Alexis Couto, Auat, Arthur Pimentel, Accord, FUN, Igor Faria, Rafael Paiva, Raphiisk e Uirá se apresentam no dia 20 na boate Apaloosa 360, em Quatis, a partir das 17h.

O grupo BP SAMBA CLUB se apresenta na boate Cana Café, em Volta Redonda, no dia 20, às 23h.

O grupo Alerta Geral e Jaula das Gostosas se apresentam na boate Estação Penedo no dia 20, a partir das 23h.

Cinema

Estréia no Cine Show Agulhas Negras: "Um Porto Seguro" sexta, segunda, quarta e quinta-feira às 14h10, 16h30, 18h50 e 21h10 (legendado), sábado, domingo e terça-feira, às 14h10, 16h30, 18h50 e 21h15 (legendado); "Os Croods (3D)" sexta, segunda, quarta e quinta-feira às 19h05 (dublado), sábado, domingo e terça-feira às 14h45 e 19h05 (dublado); "Jack - O caçador de Gigantes (3D)" de sexta à quinta-feira às 16h45 (dublado); "Mama" de sexta à quinta-feira às 21h10 (dublado); No Cine Show Resende: "Oblivion" de sexta à quinta-feira às 16h15, 18h45, e 21h15 (dublado); "G.I. Joe - Retaliação (3D)" de sexta à quinta-feira às 17h (dublado); "Vai que Dá Certo" sexta, segunda, quarta e quinta-feira às 19h20 e 21h10, sábado, domingo e terça-feira às 15h, 19h20 e 21h10 (nacional).

IMPERDÍVEL

A peça "A Confissão" estréia no Sesc Barra Mansa. O espetáculo conta a história de dois amigos, Vince e Jon, que após dez anos de afastamento reencontram a jovem Amy e aproveitam o momento para relembrar os velhos tempos. Porém, quando vem à tona um assunto mal resolvido do passado, o que parecia um belo encontro entre amigos, se transforma em um perigoso acerto de contas. A peça pode ser conferida no dia 20, às 20h30; direção Walyer Lima Junior. Com Silvio Guindane, Ângelo Paes Leme e Isabel Gueron

Os Puris e o Timburibá

Quando a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova foi fundada, no ano de 1756, a região era habitada por índios Puris, uma tribo nômade que habitava as regiões da Mantiqueira, em torno do rio Jequitinhonha e nas terras da província do Espírito Santo, sempre vivendo da caça, da pesca e dos frutos. Como não tinham moradia fixa, escolhiam as árvores como residência.

Com o passar dos anos, a cultura desses nativos foi desaparecendo junto com a tribo. Tanto que nos tempos do escritor João Maia morreu o último puri legítimo, em 1864. Tendo algum conhecimento dessa tribo na região e testemunhando em 1874 a morte de uma árvore onde hoje fica o bairro Alto dos Passos, escreveu e publicou sete anos mais tarde "A Lenda do Timburibá", protagonizada por um casal de Puris que escolheram a árvore para viver juntos.

— Quanto a relação dos índios com o Timburibá, o próprio João Maia, na introdução do conto, deduz que os Puris viviam sob a sombra dessa árvore mesmo antes da chegada do homem branco. Além disso, ele sugere que esse Timburibá poderia ser uma árvore de veneração pelos bárbaros que por aqui habitavam, comparando-a com exemplares milenares indianos e do Ceilão - revela o historiador Fernando Lemos.

Segundo o historiador, em 1901, nas comemorações do ano do centenário de elevação da paróquia a condição de Vila de Resende, uma mulher conhecida por Sara Gomes ofereceu uma cruz de madeira que foi erguida no local onde ficava a árvore, na Rua Cecília de Souza. "O fato foi registrado, inclusive, no 'Almanack do Centenário de Resende'. Foi assim que o Cruzeiro dos Passos foi criado, em 29 de setembro, posteriormente substituída por outra em 1917".

Essas histórias, no entanto, são pouco conhecidas pela comunidade do Alto dos Passos. A equipe do jornal BEIRA-RIO esteve no local para entrevistar alguns moradores. Quase todos já ouviram falar da lenda, porém não sabem muito bem sobre a história contada por Maia. "A lenda fala do casal Jacira e Tabára e do cacique Pojú. Só aprendi sobre isso graças à escola de samba daqui (GRES Alto dos Passos), que teve como enredo no carnaval de 1971 essa história", relembra o comerciante Jorge Carvalho.

Mas questionado sobre a árvore, Jorge diz que nunca viu um timburibá e lembra a história que os antigos relatam sobre as origens do Cruzeiro. "Fiquei sabendo que nesse local onde fica o Cruzeiro também tinha um cemitério, mas desconheço como era o interior dele".

Já a cuidadora de idosos Maria Helena Martins, outra moradora do bairro, diz como seria esse cemitério. "Eles colocavam os escravos em um local aqui bem perto do Cruzeiro", responde. Informadas sobre a versão contada por Lemos, elas falam da dificuldade que os moradores terão em aceitar a nova versão.

— A gente até aceita e respeita essa nova informação trazida pelos historiadores, mas certamente os moradores mais velhos relutarão em aceitar que o Cruzeiro foi colocado em homenagem ao Timburibá - fala a agente comunitária de saúde Cristiane Aparecida Rodrigues.

É o que acontece ao contarmos a versão dessa história ao autônomo e presidente da escola de samba de Alto dos Passos, Mauri de Almeida Santos. Ele ainda acredita que a história do cemitério de escravos é a versão verdadeira da criação do Cruzeiro. "Onde hoje fica minha casa era a entrada do cemitério, aqui eram enterrados os escravos da cidade e o Cruzeiro foi construído aqui para que se pudesse acender velas para os mortos", acrescenta.

Em todos esses casos, eles também pouco sabem da lenda, e até confundem o Timburibá com o nome de algum dos indígenas citados na história, apesar do nome ser de origem indígena.

De acordo com Lemos, houve um desinteresse geral da população resendense pela divulgação tanto da história do Cruzeiro quanto da lenda. "Isso são coisas do tempo e do desinteresse dos responsáveis pela divulgação de nossa cultura e do próprio povo, que pouco se interessa por nossa riquíssima cultura. Resende nunca foi uma cidade de grandes atividades culturais, principalmente a partir da segunda década do século XX. Poucos são os que conseguem entender a beleza dessa lenda, que o selvagem também tem seus dramas de vida", acrescenta.

No entanto, ele aponta que os poucos habitantes de Resende que conhecem a lenda mal sabem como é fisicamente um Timburibá e também não se interessam pelo assunto. "Aqueles que leram alguma coisa a respeito, não o fizeram por completo e confundem o Timburibá com outra espécie de árvore, o Timburi (ou Oreilha de Macaco), inclusive outros historiadores e biólogos. Uma coisa é certa: O Timburi não é o Timburibá, que segundo descrição de João Maia, dá frutos de forma diferente (em forma de vagem)", afirma.

MORADORA DESCENDENTE DE PURI

Dos documentos publicados em 1883 sobre a lenda nada foi encontrado. O que Lemos conseguiu resgatar, na verdade, foi um exemplar da segunda edição da obra, datada do início do século XX, que pertence à família de Rachid José Abbud, que mora em São Paulo.

Desde que os colonizadores chegaram a Resende e região, os puris foram expulsos para dar lugar a propriedades rurais e acabaram confinados a uma aldeia em São Vicente Ferrer, atual distrito da Fumaça, restando hoje apenas pessoas que se dizem descendentes e mestiças.

O relato mais curioso encontrado pela equipe do jornal, é o da auxiliar de



"Cruzeiro" dos Passos entrou para a história de Resende por causa de uma árvore



Leonir revela que vem de uma família descendente de puris e viveu na Fumaça

serviços gerais Leonir Cê, que a exemplo dos vizinhos de Alto dos Passos também conhece pouco sobre a lenda, e nunca ouviu falar da árvore, nem da homenagem de 1901, apenas da versão passada pelas gerações da comunidade. Mas ela conta que é filha de um descendente de puri que viveu na Fumaça com uma descendente de portugueses.

— Nós vivíamos no mato, vivendo da caça e pesca, e morávamos nas cabanas que meu pai construía. Só que uma moradora daqui do Centro de Resende resolveu nos ajudar e viemos morar na cidade, onde todo mundo ganhou nome e foi registrado em cartório - diz Leonir.

Já em relação ao Timburibá, o historiador revela que tentou sem sucesso descobrir a verdadeira origem da árvore.

— Para tirar essa dúvida, encaminei ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro perguntas a respeito, mas não obtive resposta. A única referência que encontrei diferente disso foi de pessoas que têm esse sobrenome: Tymburibá. Fiz contato com um descendente de uma família com esse sobrenome e obtive a informação de que é de origem indígena e que existiria uma tribo na Amazônia com esse mesmo nome. Essa pessoa é militar, serve na Amazônia e ficou de pesquisar o assunto, mas também não me retornou nada ainda - conclui.

A história contada pelo historiador Fernando Lemos, bem como a segunda edição na íntegra do livro sobre a lenda escrita por João Maia (1820-1902) poderão ser conferidas no link bit.ly/11p2ic5.